LEITURA E MIGRAÇÃO DIGITAL: O CRESCIMENTO DO *E-BOOK* NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID 19

DIGITAL READING AND MIGRATION: THE GROWTH OF THE E-BOOK IN THE CONTEXT OF THE COVID 19 PANDEMIC

Danilo Lucas da Mota Rodrigues
Moises Lucas dos Santos

RESUMO

O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de campo realizada entre alunos dos cursos de licenciaturas do Centro Universitário Projeção de Brasília, considerando que, embora o crescimento do *e-book* no Brasil tenha apresentado dados considerados antes de 2020, com a pandemia da Covid 19, o interesse por esse formato digital cresceu, e conforme pesquisa realizada pela Câmara Nacional do Livro (CNL), no final de 2020, tivemos um aumento de 115% em relação aos anos anteriores. A partir das contribuições de autores como Pierre Lévy, Lorenzo Vilches, Jacques Derrida e Steven Johnson, dentre outros, a pesquisa analisa aspectos como acessibilidade, velocidade e ampliação de usuários, visto que a produção de livros ancora em questões como custo, alcance de novos públicos e sua própria permanência; com a velocidade com que as novas tecnologias da comunicação e informação (NTICs) vem redesenhando um novo cenário considerando, além dos novos usuários, as novas formas de ler. Da prensa de tipos móveis de Gutemberg aos sofisticados programas de editoração e edição de textos, o mercado de produção de livros passou e tem passado por inúmeras transformações, considerando, principalmente, o crescimento das tecnologias digitais nas últimas três décadas favorecendo ao entendimento da migração digital. A isso somamos o fato de que a internet trouxe a possibilidade de se comprar livros, impressos, das mais diversas editoras do mundo e verdadeiras plataformas engendraram o comércio eletrônico que, por sua vez, passam a atingir os mais diversos públicos. E é nesse contexto que a percepção de novas formas de publicação e consequentemente de acessos e leituras é que o *e-book* passa a ter um papel importante, pois a facilidade (e rapidez) desse acesso traz um marco diferencial nesse formato de texto/livro.

Palavras-chave: Leitura; E-book, Pandemia da Covid 19; Migração digital; Tecnologias Digitais.

ABSTRACT

The article presents the results of a field research carried out among undergraduate students at Centro Universitário Projeção de Brasília, considering that, although the growth of the e-book in Brazil has presented data considered before 2020, with the Covid pandemic 19 , interest in this digital format grew, and according to a survey carried out by the National Book Chamber (CNL), at the end of 2020, we had an increase of 115% compared to previous years. Based on the contributions of authors such as Pierre Lévy, Lorenzo Vilches, Jacques Derrida and Steven Johnson, among

others, the research analyzes aspects such as accessibility, speed and expansion of users, since the production of books is anchored in issues such as cost, reach of new public and its own permanence; with the speed with which the new communication and information technologies (NICTs) have been redesigning a new scenario considering, in addition to new users, new ways of reading. From the Gutemberg movable type press to the sophisticated text editing and editing programs, the book production market has gone and has gone through countless transformations, mainly considering the growth of digital technologies in the last three decades favoring the understanding of digital migration. To this we add the fact that the internet has brought the possibility of buying books, printed, from the most diverse publishers in the world and true platforms have engendered electronic commerce which, in turn, started to reach the most diverse audiences. And it is in this context that the perception of new forms of publication and consequently of access and reading is that the e-book starts to play important role, as the ease (and speed) of this access brings a differential mark in this text format/ book.
Keywords: *Reading; E-book, Covid Pandemic 19; Digital Migration; Digital Technologies.*

Considerações iniciais

O ano de 2020 será um ano marcante para nossa civilização, pois a pandemia da Covid 19 interrompeu, de forma abrupta, a rotina de nossas relações sociais, nos mais diversos espaços, trazendo prejuízos consideráveis para os territórios do trabalho e da educação, por exemplo. Universidades, faculdades, escolas e creches, por exemplo, precisaram encerrar suas atividades, fechando suas portas, atendendo, assim, às orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS).

Aos poucos, foram surgindo possibilidades de se prosseguir com a rotina do ensino-aprendizagem considerando, primeiramente, a saúde de alunos, professores e demais profissionais da educação: listas de transmissão, grupos nas redes sociais, e-mail ou ambientes virtuais de aprendizagem, por exemplo, foram algumas das alternativas encontradas para se contornar a prejuízo da impossibilidade de convívio social nos espaços da educação.

Considerando os contextos apresentados, esse artigo se propõe a analisar, a partir de uma pesquisa bibliográfica, aliada a uma pesquisa de campo, como a pandemia da Covid 19 acabou por ampliar a busca por outros formatos de livros, considerando as dificuldades impostas pelo fechamento do comércio físico, bem como as bibliotecas públicas e privadas.

Essa busca por novos formatos, o *e-book* se apresenta como principal protagonista de uma mudança que inclui, também, o reconhecimento da internet como um espaço de possibilidades para se contornar os impactos impostos pelo isolamento social. Esse reconhecimento é balizado pela fusão de práticas tradicionais com as novas tecnologias computacionais e digitais, trazendo, desse modo, um olhar para o conceito de migração digital.

A migração digital considera os modos como as novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs) passam, cada vez mais, a orientar serviços, eventos e ações que, durante muito tempo, estavam relacionados aos ambientes

físicos, e agora se deslocam para os ambientes virtuais. Dentre os defensores dessa teoria, Lorenzo Vilches (2003), professor da Universidade Autônoma de Barcelona, apresenta uma série de implicações, cada vez mais intensa, dos ambientes digitais nos diversos setores da sociedade.

A educação, ao se reinventar, reconhece, ao mesmo tempo, as possibilidades de ambientes virtuais de aprendizagem e as dificuldades de acesso, por exemplo. A pesquisa de campo, realizada com alunos de cursos de licenciaturas do Centro Universitário Projeção de Brasília, destaca as dificuldades de muitos alunos em acessarem livros e materiais didáticos para o andamento de suas atividades, incluindo a produção do trabalho de conclusão de curso.

Tendo como objetivo geral apresentar um recorte da percepção da presença dos formatos digitais de textos (em especial o *e-book*) no contexto desses alunos em decorrência da pandemia da Covid 19, a pesquisa traz as contribuições autores como Pierre Lévy, Jacques Derrida, Lorenzo Vilches e Steven Johnson, dentre outros.

Nesse recorte, a pesquisa aponta o crescimento do acesso aos livros em formatos digitais e, conforme apresentado em várias pesquisas, dentro e fora do Brasil, o panorama entrevisto com o isolamento social, promoveu um crescimento considerável no acesso ao *e-book*, alternativa mais barata e acessível que o livro impresso.

Organizado em quatro seções, o artigo apresenta, primeiramente, uma visão geral do livro a partir de uma abordagem histórica. Em seguida, temos uma análise da inter-relação entre a leitura e as NTICs, considerando os modos como as técnicas e tecnologias dispensadas à produção dos livros dialogam com os avanços da sociedade.

Na terceira seção, são apresentados aspectos relacionados aos formatos digitais — em especial o *e-book* —, como opção, possibilidade e, no contexto da pandemia da Covid 19, alternativa que se consolida com os dados de várias pesquisas que apresentam o aumento da procura por esse formato.

Por fim, na última seção, apresentamos uma análise dos dados coletados com a aplicação de um questionário eletrônico entre alunos dos cursos de licenciaturas do Centro Universitário Projeção de Brasília.

1.Uma breve trajetória do livro

Livro e história, história do livro, escrita e livro, escrita, livro e história... Embora nos pareça, incialmente, ser possível estabelecer inter-relações cíclicas ou lineares entre livro, história e escrita, é importante que tenhamos um norte no tocante à profundidade — ou mesmo superficialidade — do tema.

Para tanto, tomemos algumas contribuições de Jacques Derrida que em Papel-máquina infere que “a questão do livro, e a história do livro, não se confundem com a da escrita ou das técnicas de inscrição” (DERRIDA, 2004, p. 19).

A história do livro, embora inicialmente nos remeta à escrita, transcende à técnica ou aos materiais de impressão tais como os conhecemos, pois, ainda para Derrida, “havia livros antes e depois da invenção da impressa, por exemplo” (2004, p. 19).

O contexto do livro é marcado por uma série de recortes que nos levam a refletir acerca de seu pertencimento ao mundo das descobertas, inovações tecnológicas e adequações técnicas. A própria materialidade do livro — sua apresentação enquanto suporte — é um ponto de muitas reflexões, pois, ainda conforme Derrida:

> A questão do livro não se confunde, enfim, com os suportes. De modo estritamente literal ou de modo metonímico (porém, teremos que tratar incessantemente das figuras do livro, desses movimentos metonímicos, sinedóquicos ou simplesmente metafóricos), pode-se, e não deixou de fazê-lo, falar de livros sustentados pelos mais diferentes suportes — não apenas os suportes clássicos, mas a quase-imaterialidade ou a virtualidade das operações eletrônicas, telemáticas, dos "suportes dinâmicos" com ou sem tela. Não é seguro que a unidade e a identidade da coisa denominada "livro" sejam incompatíveis com as novas teletecnologias. (DERRIDA, 2004, pp. 19-20).

Sim, a história do livro é um desses embates que transcendem aos aspectos históricos ou circunstanciais: o livro é prova viva de uma história em construção, pois, dos mais remotos tempos à nossa contemporaneidade, o livro se abre e fecha em torno de sua complexidade.

A escrita cuneiforme, certamente, é o grande marco para o processo histórico de registro dos acontecimentos, de recortes cronológicos e ao longo dos estudos em torno da importância da escrita enquanto técnica, precisamos reconhecer as inter-relações entre a linguagem, a comunicação, o registro e o desenvolvimento das técnicas de escrita.

Assim, ao analisarmos as características da escrita no contexto das diversas culturas, nos deparamos com uma diversidade de técnicas, suportes e, é claro, a inventividade, criatividade e sensibilidade.

Tais aspectos nos remetem a perceber e reconhecer a escrita para além de si mesma: a escrita transcende técnicas e suportes e promove mudanças — para alguns teóricos, revoluções —, que envolvem a sociedade a partir da cultura, religião, arte e política, por exemplo. Em Cultura escrita e oralidade, Olson, Hildyard e Torrance, destacam que:

> Os efeitos da escrita sobre as mudanças intelectuais e sociais não são de fácil compreensão. É enganoso pensar a escrita em termos de suas consequências. O que realmente importa é aquilo que as pessoas fazem com ela, e não o que ela faz com as pessoas. A escrita não produz uma nova maneira de pensar, mas a posse de um registro escrito pode permitir que se faça algo antes impossível: reavaliar, estudar, reinterpretar e assim por diante. De maneira similar, a escrita não provoca a mudança social, a modernização ou a industrialização. Mas ser capaz de ler e escrever pode ser crucial para o desempenho de certos papéis na sociedade industrial, também podendo ser completamente irrelevante para o desempenho de outros papéis em uma sociedade tradicional. A escrita é importante em termos da realização do que possibilita às pessoas: o alcance daquilo que objetivam ou a produção de novos objetivos. (OLSON, HILDYARD, TORRANCE, 1985, p. 14).

Esses aspectos nos remetem à dinâmica que é o processo da escrita frente à multidimensionalidade que a engendra. Da leitura/interpretação icônica à elevação

de símbolos culturais, religiosos ou políticos, a escrita é assim, por sua natureza, permeada por sentidos que se expandem e, conforme Higounet:

> Contudo, a escrita é mais que um instrumento. Mesmo emudecendo a palavra, ela não apenas a guarda, ela realiza o pensamento que até então permanece em estado de possibilidade. Os mais simples traços desenhados pelo homem em pedra ou papel não são apenas um meio, eles também encerram e ressuscitam a todo momento o pensamento humano. Para além de modo de imobilização da linguagem, a escrita é uma nova linguagem, muda certamente, mas, segundo a expressão de L. Febvre, "centuplicada", que disciplina o pensamento e, ao transcrevê-lo, o organiza. (HIGOUNET, 2003, p. 9-10).

Nesse aspecto, guardar, organizar e sistematizar acontecimentos, eleva a escrita ao seu grande compromisso do registro — fundamental para a percepção do processo histórico — e, por mais que estejamos acostumados com o formato tradicional do livro, não esqueçamos dos livros de pedra, argila, madeira, pergaminho ou papiro, por exemplo, legados das mais diversas culturas.

Se os sumérios criaram uma vasta produção de livros utilizando placas de argila (ainda frescas, essas placas eram escritas com pequenos instrumentos em formato de cunhas) e os egípcios, por sua vez, se valerem dos mais diversos suportes tais quais o papiro, rochas diversas, madeira, couro e placas de metais, por exemplo. Enquanto em outras regiões do mundo, temos o uso de materiais abundantes nos diversos contextos geográficos.

E são esses contextos que incorporam, além da materialidade da escrita em seus diversos suportes, fundamentos simbólicos que ordenam culturalmente uma sociedade, fincando valores que hierarquizavam aqueles que dominavam a arte da escrita, expandindo outros sentidos e entrelaçando a política, religião, economia e outros setores da sociedade.

Um exemplo de adentrarmos nesse universo, interligando aspectos filosóficos que pairam sobre a percepção física e simbólica do livro, é o romance de Umberto Eco, O nome da rosa, que foi adaptado para o cinema e se tornou obra referência para a cultura ocidental e o conhecimento filosófico.

Ambientado no século XIV, a trama ocorre a partir de um crime ocorrido dentro de um mosteiro no norte da Itália. Aparentemente, tudo leva a crer que se tratava de um suicídio, mas com a chegada do frade William de Baskerville, começa uma investigação do acontecido como um assassinato, deixando toda a comunidade local sob suspeita.

As reviravoltas na trama incluem a biblioteca do mosteiro onde os religiosos deviam ficar longe de algumas obras da antiguidade clássica. Assim, ao mesmo tempo que a incessável e incansável tarefa de copiar os livros — manutenção da palavra divina — há a tentação de se aproximar de determinados títulos, então proibidos.

Nesse sentido, podemos perceber os sentidos e implicações do livro no contexto da Idade Média — visto que seu acesso, apenas por parte do clero e da nobreza —, excluía a população em geral, o que elevava o status do livro como objeto dos privilegiados.

Entretanto, com a possibilidade de se reproduzir quantas cópias fossem necessárias, a revolução da impressa de tipos, por Gutemberg, é o grande divisor de águas para se compreender o poder do livro. Para Chartier:

> (...) um livro manuscrito (sobretudo nos seus últimos séculos, XIV e XV) e um livro pós-Gutenberg baseiam-se nas mesmas estruturas fundamentais – as do códex. Tanto um como o outro são objetos compostos de folhas dobradas um certo número de vezes, o que determina o formato do livro e a sucessão dos cadernos. Estes cadernos são montados, costurados uns aos outros e protegidos por uma encadernação. A distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações (paginação, numerações), os índices e os sumários: tudo isto já existe desde a época do manuscrito. Isso é herdado por Gutenberg e, depois dele, pelo livro moderno. (CHARTIER, 1999, pp. 7-8).

Assim, a impressa moderna passou por uma série de mudanças que vai sempre ter a quantidade e a velocidade como guias no processo de produção até à possibilidade de se dispensar os tipos móveis, com a utilização de recursos e ferramentas analógicas até a virtualização de toda a cadeia produtiva e chegando até à acessibilidade e a tentativa de democratização do livro.

2. As leituras no contexto das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação

Se a aventura do livro tem uma grande e radical mudança com a invenção de Gutemberg, no século XV, a partir desse recorte, a ampliação de títulos e de público vão tornar o mercado do livro impresso um grande nicho econômico.

Nos séculos seguintes, a indústria tipográfica passa a ter mais visibilidade, expandindo seu catálogo de produtos com aperfeiçoamento de técnicas e tecnologias.

Nesse ponto, faz-se necessário destacar que esse recorte se refere ao contexto ocidental, visto que, ainda no século II, na China, temos registros de impressões feitas sobre papel e, mais à frente, em outras regiões do Oriente, o que apenas corrobora para a importância do livro.

A Revolução Industrial impulsionou o caminho para a utilização de novos recursos e novas soluções em termos de máquinas. A própria máquina de escrever, inventada no século XIX, traz novas possibilidades para a edição de textos que, agora, podem ser copiados em novos formatos e prensas, cada vez mais velozes, vão ampliar a produção.

O século XX, assiste à ampliação do mercado editorial, acessibilidade de outros públicos, e o mercado da produção de livros conhece tempos áureos. Novos temas, novos públicos, novos mercados e a cadeia produtiva do livro se torna cada vez mais inserida na modernização das técnicas de impressão e de novos materiais para a apresentação gráfica, garantido edições luxuosas e únicas.

Nesse contexto, surgem a hegemonia dos impérios editoriais: grupos especializados que ampliam, ainda mais, suas atuações, garantido, assim, uma aproximação maior dos mais diversos públicos com autores, editores e donos das grandes livrarias.

Aqui, vale a pena inserir o posicionamento crítico de Jason Epstein (2001), pois, enquanto um dos mais notáveis editores americanos, seu memorável trânsito pelo mercado editorial americano fez com que percebesse outras nuances em que o lucro estava à frente de interesses culturais ou voltados para a democratização do conhecimento.

Para ele, o mercado editorial, é "coagido pelas desfavoráveis condições de mercado, impulsionadas, sobretudo, pela concentração do mercado varejista em poderosas redes e pela fusão/dissolução das marcas editoriais em conglomerados de mídia" (EPSTEIN, 2001, p. 23).

Ainda nesse nicho, surge as editoras especializadas em livros técnicos para as diversas áreas (medicina, direito, administração ou engenharia, por exemplo), além de novos olhares para grandes públicos como, por exemplo, as crianças, com novas abordagens e formatos para a literatura infanto-juvenil.

A partir da década de 1980, cada vez mais, novas possibilidades tecnológicas vão se aglutinando no universo do livro impresso com o desenvolvimento de tecnologias e suportes cada vez mais acessíveis.

Embora o *e-book* vá se consolidar no século XXI, suas origens estão em 1971, com o projeto Gutenberg (gutenberg.org.com), encabeçado por Michael Hart que, mesmo antes da internet, propunha favorecer a popularização da cultura do livro a partir de uma proposta que pudesse chegar aos mais diversos espaços sem custo, pois não trabalharia com material impresso.

Naquele contexto, isso seria uma utopia visto que as tecnologias computacionais ainda estavam distantes do grande público, mas a ideia de apresentar livros em formatos eletrônicos era muito avançada para a época.

O que assistiremos nas próximas décadas está relacionado à velocidade com que, cada vez mais, as tecnologias computacionais estiveram à frente de novos desafios e, desse modo, espalhando novas possibilidades.

Em A migração digital, Lorenzo Vilches nos leva a refletir acerca do impacto gerado pelas novas tecnologias — em especial as digitais — no contexto da economia global, as comunicações passaram a ter outros sentidos com um público definitivamente cada vez mais conectado à rede mundial de computadores. Conforme aponta o autor:

> Na era da comunicação global, nasce uma nova raça de transmutantes da comunicação. Não se trata nem do espectador passivo dos meios tradicionais, nem do usuário dos meios interativos. Trata-se de emigrantes da rede, em parte viajantes do ciberespaço, mas também um novo contingente de habitantes da rede. (VILCHES, 2003, p.37).

Esse ciberespaço se expande a cada dia e com popularização dos computadores e o crescimento da internet, passa a apontar novos caminhos para o conhecimento, a economia, a educação e, de certo modo, a democratização de saberes e a comunicação global.

Esse espaço criado com a internet é definitivamente *sui generis* e engendra uma mudança radical nas relações humanas e, conforme explicita Manuel Castells, a internet apresenta:

> (...) uma nova forma social, a sociedade de rede, (que) está se constituindo em torno do planeta, embora sob uma diversidade de formas e com

> consideráveis diferenças em suas consequências para a vida das pessoas, dependendo de história, cultura e instituições. (CASTELLS, 2003, p. 225).

Agora, dispositivos, programas e interfaces, por exemplo, começam a dar novos sentidos para a criação de documentos via editores de textos e, do mesmo modo, a apresentação do sistema Windows, em 1985, passa a dar outros propósitos para a utilização dos computadores pessoais.

Idealizado pela Microsoft, esse novo sistema é um divisor de águas, visto que, conforme Steven Johnson, em: A cultura da interface:

> Graças às generosas verbas de publicidade da Microsoft, a "janela" (*window*) é hoje a abreviatura da ampla série de inovações que compõem a interface contemporânea. Nem seta do mouse, nem metáfora do desktop, nem barra de menu — a história da interface se divide agora nitidamente em duas épocas: pré-janelas e pós-janelas. (JONHSON, 2001, p. 59).

Para essa pesquisa, é muito importante destacar a relação com que os editores de textos passaram a influenciar o mercado editorial, visto que, cada vez mais, possibilidades de edição, advindas dos recursos e ferramentas de edição, fazendo parte do cotidiano do trabalho daqueles que se dedicam à produção do texto via meio eletrônico. Para Chartier:

> A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler. (CHARTIER, 1999, p. 12-13).

Assim, o *e-book*, passa a ter novos sentidos e presença nos diversos contextos da sociedade. Conforme Paiva, "*e-book*, abreviação inglesa de eletronic book, é um livro em formato digital, que pode ser lido em equipamentos eletrônicos tais como computadores, PDAs ou até mesmo em celulares que suportam esse recurso" (2010, p. 84).

Em Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital, Luiz Antônio Marcuschi, destaca que os gêneros textuais são fenômenos sociais e históricos que dialogam com os diversos contextos entrevistos. Para ele "o impacto das tecnologias digitais na vida contemporânea está apenas se fazendo sentir, mas já mostrou com força suficiente que tem enorme poder tanto para construir como para devastar" (MARCUSCHI, 2004, p.14).

Assim, desde a linguagem que aporta com os famosos torpedos — linguagem econômica possibilitada pelo *short message servisse* (SMS) — que surge com o início da telefonia celular, o e-mail praticamente extingui as cartas físicas e facilitou a

comunicação institucional, acelerando, ainda mais o processo de trocas de informações.

Nesse sentido, a comunicação, de modo geral, emerge em novos contextos, pois, de acordo com Pierre Lévy, “a revolução contemporânea das comunicações, da qual a emergência do ciberespaço é a manifestação mais marcante, é apenas uma das dimensões de uma mutação antropológica de grande amplitude” (LÉVY, 2003, p. 183). Ainda, nessa mesma abordagem, o autor evidencia a ampliação/abertura do texto nesse novo espaço:

> Em vez de um texto localizado, fixado em um suporte de celulose, no lugar de um pequeno território com um autor proprietário, um início, um fim, margens formando fronteiras, confrontei-me com um documento dinâmico, aberto, ubiquitário, que me reenviava a um corpus praticamente infinito. (LÉVY, 2001, p. 159).

Defendemos, então, que o *e-book* é meio e fim, produto e processo de um contexto que dialoga com mudanças — cada vez mais visíveis — que adentram o século XXI e, até certo ponto — passam a coexistir com o livro impresso.

Entretanto, faz-se importante destacar que o percurso do *e-book* é longo e hoje, quando nos deparamos com um mercado em ascensão, não podemos esquecer que esse formato jamais teve ou tem a intenção de substituir o livro impresso, mas de certa forma, facilita o acesso e a leitura, visto que em casa, no trabalho, nas escolas, no transporte público ou inúmeros outros espaços e a partir dos mais diversos dispositivos, é possível ler seu livro.

Outro aspecto defendido por muitos que assumem a importância do *e-book* nos novos modos de ler está relacionado à manipulação do texto, pois, conforme Beiguelman, “o texto se expande, contrai-se, dá voltas. As palavras pulsam, esticam-se e encolhem, desafiando a analogia do teclado com a máquina de escrever [...]” (BEIGUELMAN, 2003, p. 39).

Importante destacar que, de maneira alguma, podemos assumir que o *e-book*, sinaliza o fim da era do livro impresso, mas, além disso, esse novo formato evidencia a capacidade de o homem unir tecnologias e nelas perceber uma coexistência — tão necessária nesses novos tempos.

3. Novos olhares para novos formatos de livro no contexto da pandemia da Covid 19

Talvez, nos próximos livros que dissertem acerca da nossa história, um grande evento apontará novos olhares para nossa trajetória: a pandemia da Covid 19, pois, de modo abrupto, o mundo inteiro é assolado por essa doença que, conforme a Organização Mundial da Saúde (2020), trata-se de uma doença contagiosa, de rápida propagação e com efeitos de leves a fatais, exigindo medidas de isolamento social e de autocuidados.

E no contexto do crescimento global do número de pessoas contaminadas, vários países passaram a decretar o fechamento do comércio, das escolas e demais atividades comuns à aglomeração.

Muitas pessoas, então, passaram a ter seus lares como refúgio seguro. O retorno de algumas atividades laborais e da educação, de forma remota, acabou por

fazer surgir novas modalidade de atuação na escola e no trabalho: *o home schooling e o home office.*

Tais aspectos corroboram, cada vez mais, para a percepção de um mundo que, agora, ainda mais rápido, percorre o caminho de uma migração digital. Essa migração envolve desde serviços básicos como os bancos digitais até as grandes bibliotecas que disponibilizam seus acervos para consultas on-line 24 horas por dia e sete dias por semana.

No tocante ao mercado de livros, o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel) mantém em seu site um painel sempre atualizado com dados sobre produção, consumo e pesquisas específicas acerca desse grande mercado.

Conforme dados lá expostos, no primeiro semestre de 2021 foram vendidos 28 milhões de exemplares e, complementando esses dados, a Awake Agência Digital, responsável por assessoria de *e-commerce* e hospedagem de empresas digitais, aponta que "o e-*commerce* é responsável por 30% da receita do mercado editorial brasileiro" (AWAKEBRASIL, 2021).

Esse cenário está em consonância com as reflexões de Vilches (2003). Para ele, "no século XXI, terminar-se-á o que foi iniciado no século XX; as novas fronteiras de comunicação serão as do mundo das empresas e dos consumidores, como são até agora" (VILCHES, 2003, p.33).

Além disso, rapidamente, o mundo passou a usar, ainda mais, o comércio eletrônico e um dos mercados que teve uma ascensão em números de novos usuários foi exatamente o de comércio de livros. Tantos os livros impressos — entregues diretamente nos endereços de seus leitores — quanto os livros digitais passaram a ser percebidos com outros olhares. Tais aspectos reforçam essa migração para os territórios digitais.

Esses espaços são ricos em possibilidades de convergências que, de forma acíclica, exponenciam a importância de se compreender — e estudar — as mídias. Roger Silverstone, professor de mídia da Escola de Economia e Política de Londres, defende como essa mudança passa a fazer parte de nossa rotina. Para ele:

> Os espaços do engajamento com a mídia, os espaços da experiencia da mídia, são tanto reais como simbólicos. Dependem da locação e das rotinas que definem nossas posições no tempo e espaço. As rotinas que marcam as realidades do movimento e da estase em nossas vidas diárias. (SILVERSTONE 2002, 161).

No caso dos *e-books*, várias pesquisas apontaram e ainda apontam para o crescimento desse nicho. Conforme pesquisa divulgada pela alemã Statista (statista.com/dmo), em 2020 houve um aumento global de 12,4% que considerou como principal causa o fato de o isolamento social ter mudado alguns hábitos das pessoas.

No Brasil, conforme pesquisa publicada pela Nielsen a pedido da Câmara Brasileira do Livro, no início de 2021, em 2020, os *e-books*, tiveram um aumento de 83% em relação ao ano de 2019. A pesquisa considera, ainda, que além do fato de esse tipo de livro ser cerca de 40% mais barato que o livro impresso, a pandemia trouxe a possibilidade de acesso aos livros para aqueles que se isolaram devido à pandemia da Covid 19.

Mas afinal de contas, quais as vantagens do *e-book*? Em contextos anteriores à Covid 19, a comodidade e facilidade seriam suficientes para se acessar o *e-book*, mas com a necessidade de isolamento social, fechamento do comércio, bem como das bibliotecas públicas e privadas, por exemplo, o *e-book*, mostrou se adequado, por exemplo, às necessidades de estudantes em produção de trabalhos acadêmicos.

Obviamente, assim como todas as novas tecnologias, o *e-book* pode, sim, ser analisado a partir de suas inter-relações entre vantagens e desvantagens, mas, no contexto dessa abordagem, apresentamos aspectos que o consolidam como possibilidade que passou a ter um aumento significativo em relação à ampliação de seu público frente às condições impostas pela pandemia da Covid 19.

Assim, consideramos, primeiramente, que o acesso a esse formato pode ser realizado de vários modos, atendendo às condições de seus usuários e, a partir desse recorte, dialoga com as condições de isolamento social, empostas pela pandemia da Covid 19.

A partir de sua versatilidade, os *e-books* podem ser acessados nos mais diversos suportes como tablets, celulares, computadores ou *e-readers*, por exemplo. Soma-se a isso o fato de se poder acessar nos mais diversos contextos de espaço ou tempo, visto que seu armazenamento permite essa ampliação.

Algumas escolas privadas de educação básica, passaram a utilizar o livro didático no formato de *e-book*, minimizando, por exemplo, o antigo problema do peso nas mochilas dos alunos, além do famoso esquecimento.

Importante destacar que com a pandemia da Covid 19, as instituições educacionais passaram por necessário e emergente processo de reinvenção de suas práticas, metodologias, espaços e tempos.

Esse processo, inclusive, ao propor novas possibilidades para a continuidade da educação, considera as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Considerando e priorizando a integridade das pessoas, a OMS reconhece a importância social da educação e os sentidos dos espaços a essa destinado, visto que:

> As escolas fazem parte de uma comunidade e conectam as comunidades. Dessa forma, as medidas tomadas para reduzir o risco em uma comunidade também reduzirão o risco nas escolas. Por isso, é importante uma abordagem de toda a sociedade e solidariedade no nível da comunidade para garantir a continuidade da educação em ambientes protegidos da COVID-19. (OMS, 2020).

E, no auge da pandemia da Covid 19, na incerteza e novidades sobre a transmissibilidade, bem como os números de contaminação e de mortes em ascensão, ambientes protegidos passam a ser considerados a casa, a partir do isolamento social e, de certa forma, para muitos, o contato com o mundo ganha, ainda mais, o reforço da internet.

E nesse contexto, portais, sites, aplicativos e programas que possam vir a mediar os processos de ensino-aprendizagem, por exemplo, passam a ser vistos como possibilidades imediatas para contornar essa lacuna entre a escola, professores e alunos.

Então, o debate que se arrasta desde a última década do século XX em relação à presença, cada vez maior, das tecnologias digitais nos territórios da educação, ganha novos olhares e corrobora com as postulações de Pierre Lévy, que

em 1997, ao publicar seu famoso Cibercultura, já apontava para essas possibilidades. Para ele:

> Ao prolongar determinadas capacidades cognitivas humanas (memória, imaginação, percepção), as tecnologias intelectuais com suporte digital redefinem seu alcance, seu significado, e algumas vezes até mesmo sua natureza. As novas possibilidades de criação coletiva distribuída, aprendizagem cooperativa e colaboração em rede oferecidas pelo ciberespaço colocam novamente em questão o funcionamento das instituições e os modos habituais de divisão de trabalho, tanto nas empresas como nas escolas. (LÉVY, 2003, p. 172).

Assim, de uma hora para outra, celulares, *tablets*, computadores, *laptops* e outros dispositivos passaram, de forma mais consistente, a mediar a educação, retomando os processos de ensino-aprendizagem e exigindo a reinvenção do cotidiano das práticas pedagógicas.

O interesse pela educação mediada por tecnologias digitais passou a ser um dos temas mais pesquisados no Google, além de publicações e consultas aos acervos de novos recursos e novas metodologias. Além disso, as consultas aos acervos digitais e repositórios de PDF gratuitos passaram por um considerável crescimento. O jornal da PUC-SP publicou que somente até 30 de julho de 2020, as consultas em seu acervo digital aumentaram em 57%.

Soma-se a isso o crescimento das vendas de livros impressos pela internet e, principalmente dos formatos digitais, como o *e-book*, por exemplo. E é nesse contexto que o *e-book* se firma como uma possibilidade para o enfretamento das restrições impostas pela pandemia da Covid 19 e se abre em novos diálogos com outras formas de acesso ao conhecimento, não substituindo, mas, definitivamente, convivendo com o livro impresso e adicionando, ainda mais, elementos positivos ao conhecimento e aos processos de ensino-aprendizagem.

4. Analisando alguns dados

Com objetivo de promover uma abordagem metodológica mais consistente, à pesquisa bibliográfica foi acrescida de uma pesquisa de campo com alunos dos cursos de licenciaturas do Centro Universitário Projeção de Brasília-Uniprojeção, valendo-se de um questionário eletrônico aplicado entre o final do segundo semestre de 2020 e o primeiro de 2021.

Composto por 10 questões objetivas de múltipla escolha, o questionário considerou o contexto da dificuldade de muitos alunos em acessar livros para a realização de atividade acadêmicas, inclusive trabalhos de conclusão de curso.

O questionário foi respondido por 62 alunos sendo 37,1% do curso de Geografia, 33,9% do curso de Letras/Língua Portuguesa, 21% do curso de Pedagogia, 5% do curso de História e 3% do curso de Matemática.

Em relação à regularidade de leitura antes da pandemia da Covid 19, 27,4% apontaram que a frequência com que costumavam ler era mensal, a mesma quantidade apontou que não tinha regularidade na leitura. 14,5% apontaram para o hábito de leitura diária e, do mesmo modo, semanal. Por fim, 9,7% apontaram para o hábito de leitura quinzenal.

Nesse recorte, se faz necessário citar os dados da pesquisa sobre o cenário da leitura no Brasil entre 2015 e 2019, realizada pela Agência Brasil. Intitulada Retratos da Leitura no Brasil e publicada em setembro de 2020, a pesquisa revela que durante esse período, o Brasil perdeu mais de 4,6 milhões de leitores.

A pesquisa ainda traz o dado de que 48% dos brasileiros são considerados não leitores (sujeitos que não leram nenhum livro nos últimos três meses) e isso é muito desafiador ao se pensar a importância de ações de incentivo à leitura.

Nesse sentido, a próxima pergunta do questionário aponta para a predileção em relação aos gêneros textuais e literários. Dos entrevistados, 58,1% preferem os gêneros literários como um todo (romance, ficção, novela, contos...), enquanto 25,8% preferem textos relacionados ao curso ou área de formação.

Como sabemos, a pandemia da Covid 19 trouxe uma série de mudanças nas mais diversas instancias sociais, visto que as orientações em relação ao necessário isolamento social promoveram uma revisão radical em nossos hábitos, até então em prática, e essas mudanças claramente ecoaram no universo da leitura.

Por isso, tratamos de saber como a pandemia da Covid 19 alterou o interesse pela leitura. Dos respondentes, 33,9% afirmaram que o interesse aumentou consideravelmente e 24,2% responderam que o interesse aumentou um pouco. Enquanto isso, 16,1% afirmaram que o interesse pela leitura continua o mesmo e 19,4% declaram que diminuiu. Já 6,5% responderam que o interesse pela leitura diminuiu consideravelmente.

Para contextualizar tais dados, apresentamos um recorte publicado pelo site Topview.com.br acerca dos êxitos da Bookplay, primeira plataforma 100% brasileira de *streaming* de educação, no início de janeiro de 2021:

> [...] o número de acessos saltou mais de 100% no primeiro semestre de 2020, se comparado ao mesmo período de 2019. O resultado reforça as conclusões de estudos que mostram o aumento da busca por livros durante a pandemia, inclusive os digitais, que a cada ano caem mais no gosto do leitor. (TOPVIEW, 2021).

Tais mudanças dialogam com os posicionamentos de Vilches (2003) e Lévy (2001) acerca das implicações em torno das mudanças promovidas com as tecnologias digitais, em especial a ampliação do universo da internet.

Em tempos marcados pelo isolamento social, o receio — senão medo — em relação à pandemia da Covid 19, a internet, em suas múltiplas possibilidades, acaba por se tornar um espaço seguro para as antigas práticas, como é o caso do acesso à leitura, por exemplo.

Nesse sentido, evidenciamos o impacto da falta de acesso aos livros (considerando a predileção e hábito pelos materiais impressos e perguntamos como tem sido sua dificuldade em acessar/encontrar livros para realização de suas atividades, incluindo Trabalho de Curso (TCC), por exemplo, durante a pandemia da Covid 19 e 100% dos respondentes evidenciaram que tiveram muitas dificuldades.

Essas dificuldades estão diretamente ligadas ao fato de que, por medidas de cuidados com a saúde de alunos e colaboradores, as bibliotecas incialmente foram fechadas e depois passaram a atender em horários diferenciados que nem sempre estavam em sintonia com as necessidades de nossos alunos.

Agora, inter-relacionando as mudanças em decorrência da Covid 19 com o aumento da procura por formatos digitais, 45,2% responderam que se trata de uma tendência já confirmada antes da pandemia, 38,7% reconhecem que é uma alternativa para a leitura. Por outro lado, 12,9% acreditam que esse aumento é uma consequência da pandemia da Covid 19 e 3,2% optaram por se tratar de uma tendencia passageira.

Essa questão está em consonância que o cenário que enfrentamos e ainda o fazemos, pois, cada vez mais, o reconhecimento das novas possibilidades tecnológicas em relação à criação, acesso e compartilhamento do conhecimento em um ambiente tão amplo como a internet. Para Pierre Lévy:

> A página transforma-se; o texto subsiste. Poder-se-ia mostrar que assistimos à renovação espetacular da cultura literária ou literal (...) mesmo se nas suas bibliografias ou notas ela se refere a artigos, a página material é fisicamente fechada. A virtual, em contrapartida, conecta-se tecnicamente e de imediato, através de vínculos hipertextos, com páginas de outros documentos, dispersas por todo o planeta, que remetem indefinidamente a outras páginas, a outras gotas do mesmo oceano mundial de signos flutuantes. (LÉVY, 2003, pp. 201-202).

Nesse sentido, destacamos as possibilidades dos textos em formatos digitais, em especial o *e-book*, pelo fato de termos a portabilidade, acessibilidade e interativa como aspectos positivos. O fato de estarmos em nossos lares e, partir de um simples acesso à internet, podermos comprar um *e-book* (ou baixar) de qualquer outro lugar do planeta é um ponto muito importante a ser considerado e, no contexto da pandemia da Covid 19, isso para a ter sentidos positivos.

Em seguida, perguntamos se nossos respondentes já tiveram alguma experiência com os livros em formatos digitais e 59, 7% responderam que sim e que esses formatos já fazem parte de suas rotinas; 22,6% também responderam que sim, mas não gostaram; 14,5% responderam que sim, mas por falta de opções e apenas 3,2% responderam que ainda não tiveram contato com os formatos digitais.

Esse panorama corrobora com os dados apresentados pela Statista (2021) e a Câmara Brasileira do Livros (2021), que apresenta os dados de uma pesquisa apontando um aumento de 36% no faturamento das editoras com formatos exclusivamente digitais. Assim, várias outras pesquisas, também, vêm comprovando o aumento pela procura de formatos digitais (em especial o *e-book*), tanto no mercado brasileiro quanto lá fora.

Por fim, tratamos de saber como os respondentes analisam os formatos digitais, de um modo geral e 53,2% responderam que são oportunos, acessíveis e práticos; 17,7% responderam que se trata de uma nova proposta e ainda estão se acostumando; 11,3% responderam que são práticos e necessários; 11,3% responderam que preferem o livro físico e 6,4% responderam que ainda não se acostumaram com esses formatos.

Os dados aqui apresentados são recortes de um contexto maior em que percebemos uma mudança em relação à percepção dos formatos digitais como possibilidade para se acessar livros e, se por um lado, até 2019 ainda tínhamos muitas pessoas com visões negativas em relação a esses formatos, a pandemia da Covid 19 apresentou uma bifurcação importante para o reconhecimento de possibilidades de acesso à leitura.

Considerações finais

O objetivo geral desse artigo foi apresentar um recorte da percepção da presença dos formatos digitais de textos (em especial o *e-book*) no contexto dos alunos dos cursos de licenciaturas do Centro Universitário Projeção Brasília a partir da inter-relação com o cenário entrevisto com a pandemia da Covid 19.

O percurso escolhido para se chegar ao reconhecimento da presença, cada vez mais consistente dos textos em formatos digitais, considerou a historicidade do livro: dos primeiros registros nos mais diversos suportes à utilização da prensa de tipos móveis, no século XV, o livro passou por muitas mudanças que, na transição do século XX para o XXI, encontrou novos caminhos, novos, suportes e, nitidamente, novos públicos/usuários.

Ao se valer do conceito de migração digital (VILCHES, 2003), consideramos como as NTICs aceleram o processo de transição para um mundo cada vez mais inserido e mediado pelas tecnologias computacionais e digitais, envolvendo setores como a economia, cultura e educação, por exemplo.

Do mesmo modo, Lévy (2001; 2003), Castells (2003) e Johnson (2001) abordam como as mudanças oriundas com a criação da internet e a ampliação das tecnologias computacionais e digitais alteraram (e tem alterado) o comportamento da sociedade a partir do momento em que nós percebemos a substituição - ou alternância - de ações que, cada vez mais, estão atreladas ao desenvolvimento tecnológico e em especial à rede mundial de computadores.

No tocante aos textos em formatos digitais, o *e-book* aparece como possibilidade para muitas demandas e como solução para algumas situações provocadas pelas restrições impostas pela pandemia da Covid 19 como o isolamento social, fechamento de comércio e das instituições de ensino, por exemplo.

Os dados apresentados dialogam com um cenário, ainda em construção, visto que a pandemia da Covid 19 provocou - e ainda tem provocado - na sociedade: o isolamento social e a restrição de movimentação/aglomeração em muitos dos grandes espaços sociais e principalmente as implicações nos ambientes educacionais e de trabalho, promoveram uma série de revisões em nossas práticas.

No tocante às práticas em curso nos ambientes educacionais, essa revisão promoveu, por exemplo, a emergência de se considerar as tecnologias computacionais e digitais como auxiliares de novas metodologias, recriando, assim, novos sentidos para os ambientes virtuais de aprendizagem, a inserção da telemática, considerando a junção de espaços e recursos didáticos virtuais com as possibilidades de tecnologias computacionais, softwares, aplicativos, dispositivos e inúmeras outras possibilidades.

Ao apontar novos olhares para o *e-book*, em momento algum, há a consideração de que esse formato se apresenta como substituição ao livro impresso, mas, pelo contrário, é defendido como mais uma possibilidade de se valorizar a leitura, o próprio livro impresso e destacar que o fato de ser possível comprar um *e-book* por um valor abaixo da versão impressa é um sinal para consideramos a democratização e a acessibilidade aos livros.

Finalmente, no contexto da pesquisa construída, os autores apresentados trazem visões importantes para o reconhecimento da capacidade humana de (re)criar e se (re)inventar o tempo todo.

Das placas de argila, gravadas com a escrita cuneiforme, aos livros que podem ser acessados de diversos modos e nos mais diversos lugares, uma coisa é certa: o livro sempre teve e sempre terá um espaço garantido e reconhecido na nossa cultura e sua materialidade ou virtualidade é uma questão de percepção em relação aos diversos contextos tecnológicos.

Referências

AWAKEBRASIL. **E-commerce é responsável por 30% da receita do mercado editorial brasileiro**. Disponível em <awakebrasil.com.br>. Acesso em 21 jul. 2021.

BEIGUELMAN, G. **O livro depois do livro**. São Paulo: Petrópolis, 2003.

BRASIL PERDE 46 MILHÕES DE LEITORES EM QUATRO ANOS. Disponível em: < https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-09/brasil-perde-46-milhoes-de-leitores-em-quatro-anos>. Acesso em 13 jul. 2021.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. **Faturamento das editoras brasileiras com Conteúdo Digital cresceu 36% em 2020, passando a representar 6% do setor.** Disponível em <https://www.cblservicos.org.br/servicos/>. Acesso em 15 jul.2021.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet:** reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Imprensa Oficial/Ed.UNESP, 1999.

DERRIDA, Jacques. **Papel-máquina**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

EPSTEIN, Jason. **O negócio do livro:** passado, presente e futuro do mercado editorial. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

JOHNSON, Steven. **Cultura da interface:** como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LÉVI, Pierre. **A revolução contemporânea em matéria de comunicação.** In: Para navegar no século 21. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy (Org.). **Cultura escrita e oralidade**. São Paulo: Ática, 1996.

Organização Mundial da Saúde (OMS). **O que é Covid 19?** Informações disponíveis em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em 19 ago. 2021.

SNEL. **Painel de Varejo de Livros no Brasil.** Disponível em <https://snel.org.br/pesquisas/#1528207355291-9b386479-b54d>. Acesso em 30 ago. 2021.

PAIVA, A. P. M. **A Aventura do Livro Experimental**. São Paulo: EDUSP, 2010.

Projeto Gutenberg: a criação do e-book. Disponível em <https://www.gutenberg.org/about/>. Acesso 23 jun. 2021.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

STATISTA. **Crescimento do e-book.** Disponível em < https://www.statista.com/outlook/dmo/digital-media>. Acesso 23 mar. 2021.

TOPVIEW. **Dia do Leitor: pandemia altera hábitos de leitura e e-books caem no gosto do leitor**. Disponível em <https://topview.com.br/estilo/dia-do-leitor-pandemia-altera-habitos-de-leitura-e-e-books-caem-no-gosto-do-leitor/>. Acesso em 23 jul. 2021.

VILCHES, Lorenzo. **A migração digital**. São Pulo: Loyola, 2003.